Almanack, Guarulhos, v. 40, ep22456, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340ep22456

ALMANACK, 15 ANOS DEPOIS: O MUNDO LÊ A AMÉRICA LATINA ATRAVÉS DA NOSSA REVISTA[1]

André Roberto de A. Machado[2,3]

Como produzir uma revista na periferia do capitalismo e, consequentemente, fora do centro hegemônico do mundo acadêmico que consiga ser uma voz original e ao mesmo tempo ajude a organizar o seu campo temático? Esse foi o dilema central na criação da revista *Almanack* há 15 anos, dando continuidade à missão da *Almanack Braziliense*[4], que foi sua antecessora e nasceu em meio a debates do projeto temático "Formação do Estado e da nação: Brasil, c.1780-c.1850", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e liderado pelo brilhante e visionário István Jancsó[5]. Os pesquisadores principais daquele projeto tinham como modelo as revistas europeias *Revue du XIXe siècle*, francesa, e *Nations and Nationalism*, inglesa, mas sabiam que era necessário produzir algo novo.

1 Agradeço a Wilma Peres Costa pelas diversas conversas sobre este texto, a quem o dedico. Agradeço a José Henrique Lima Santos e Amanda Aparecida Silva de Carvalho pela coleta das palavras-chaves de todos os artigos da história da Almanack, tarefa fundamental para este texto.

2 Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, São Paulo.

3 Professor do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, Brasil, CEP 07252-312. Email: andre.machado@unifesp.br. Foi vice editor-chefe da Almanack entre 2011 e 2019 e editor-executivo entre 2021 e 2024.

4 As edições da revista estão disponíveis em: https://revistas.usp.br/alb/pt_BR/issue/archive.

5 São textos importantes desse projeto, entre outros: JANCSÓ, István (org.). Independência: história e historiografia. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005. JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). Formação: Histórias. 2ª edição, São Paulo: Editora Senac, 2000.

CC BY

A *Almanack* vislumbrou dois caminhos. O primeiro foi buscar organizar o campo historiográfico sobre a formação do Estado e da Nação, para o que foi fundamental centrar a publicação em torno dos já tradicionais fóruns, iniciativa que convida um pesquisador de referência para apresentar um texto e dois outros historiadores para comentá-lo. O outro caminho que se mostrou frutífero foi buscar estreitar o diálogo acadêmico com a América Latina, para além do Brasil.

Os números da revista mostram o sucesso da empreitada. Desde o seu lançamento, em 2011, a *Almanack* teve mais de 2 milhões e 600 mil acessos[6]. Desse total, pouco mais de um terço, cerca de 1 milhão, é proveniente do Brasil, país-sede da revista. Por consequência, quase dois terços, cerca de 1 milhão e 600 mil acessos, são de fora do país-sede, o que comprova a forte internacionalização da *Almanack*. Desdobrando esses números, há pistas interessantes da trajetória da revista: a América Latina (excetuando o Brasil) tem mais de 460 mil acessos, praticamente o mesmo número de buscas da Europa, que tem um campo acadêmico muito mais rico e prestigiado, e quase o dobro das pesquisas feitas nos Estados Unidos. Isso mostra o sucesso da busca em converter a *Almanack* num polo de trocas historiográficas da América Latina, dando uma voz diferente à análise do fenômeno da formação dos Estados e das nações.

Há outros números interessantes ao se analisar os acessos pelo viés do chamado "Sul Global": as buscas feitas na China ultrapassam 58 mil, enquanto a Índia marca outros 27 mil, mostrando que as barreiras do idioma estão sendo rapidamente ultrapassadas. Também é digno de nota o fato de Angola, país de fortes laços históricos com a colonização portuguesa na América e com o Império brasileiro, ter expressivos 10 mil acessos.

Mas são os números da origem nacional dos autores da *Almanack* que mostram os dados mais relevantes. Dos 578 textos publicados, como era de se esperar, a maioria provém de autores brasileiros, com mais de

6 Os números de acesso e de filiação institucional dos autores foram obtidos a partir de dados do Scielo Analytics: https://analytics.scielo.org/?range_start=2011-01-01&range_end=2026-03-15. Como os dados se referem aos acessos pela Scielo e a revista tem uma página no Portal de Periódicos da Unifesp, os números de acessos são, certamente, mais altos.

CC BY

400 textos. O segundo grupo, no entanto, também é inconteste: quase 70 autores provêm da América Latina (excetuando o Brasil). É um número quase três vezes maior do que os 25 autores estadunidenses e quase o dobro dos 40 autores europeus.

Esses números mostram que se trata de uma revista muito focada na História da América Latina, escrita por latino-americanos, ainda que sua audiência ultrapasse bastante essa região do globo.

Temas e ausências na revista ao longo dos 15 anos

Uma das perguntas ao elaborar este texto era saber quais foram os temas mais recorrentes na *Almanack* durante esses 15 anos e quais as grandes ausências. Essa não é uma tarefa muito simples, afinal já foram publicados quase 600 textos pela revista. Dada a complexidade dos artigos, também seria temerário definir um único tema para cada trabalho à revelia dos autores.

Diante desse desafio, estabeleceu-se a seguinte estratégia de trabalho: com ajuda de dois doutorandos, foram extraídas todas as palavras-chave dos textos publicados pela *Almanack* que continham esse campo (resenhas, por exemplo, não tem palavras-chave). Depois, separaram-se as palavras-chave em três listas, com o intervalo de 5 anos cada, e uma lista geral com os 15 anos da publicação. A partir dessas listas, usou-se a IA generativa — ChatGPT — para contabilizar a incidência de cada palavra-chave e criar uma tabela. Em seguida, os resultados foram refinados, de modo a agrupar diferentes palavras-chave a um termo comum. Por exemplo, palavras-chave como Igreja; Igreja Católica; catolicismo; ultramontanismo; clero; relações Igreja-Estado, entre outras, foram todas contabilizadas em um único tema, no caso "Igreja". Após várias experiências, esse parece ser o formato mais fiel ao retrato da publicação nesses 15 anos.

Após contabilizar essas palavras-chave, é possível vislumbrar algumas tendências. Por exemplo, disparadamente, o tema mais abordado pela *Almanack* nesses 15 anos foi a escravização de afro-brasileiros. Essa é uma tendência que se mantém ao longo da revista, mesmo quando os dados são desdobrados em ciclos de cinco anos. Não chega a ser um

CC BY

Almanack, Guarulhos, v. 40, ep22456, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340ep22456

número surpreendente, dada a força dessa historiografia na academia brasileira e a presença predominante de autores do país-sede. Mas é muito expressivo o vínculo estreito estabelecido entre a escravidão e a formação do Estado e da Nação no Brasil. É uma pena, no entanto, que não apareçam de forma significativa outras modalidades de exploração do trabalho, como a de homens livres (incluindo indígenas ou imigrantes), nem mesmo o debate sobre o entendimento do que era trabalho livre no século XIX, incluindo as suas diversas formas compulsórias. Essa é uma demonstração de que este é um tema que engatinha não só na historiografia brasileira, mas na América Latina como um todo.

O segundo tema mais presente na publicação são as independências. Aqui, no entanto, há uma variação nos ciclos, ao contrário do que aconteceu com escravidão. Nos cinco primeiros anos, esse assunto aparece com grande destaque, mas depois perde relevância no segundo ciclo. No entanto, no terceiro ciclo, o tema da independência ressurge com grande força, certamente impulsionado pelas efemérides dos 200 anos de diversos acontecimentos no Mundo Ibero-Americano.

Essas variações entre ciclos ocorrem com alguma frequência, provavelmente indicando menos o aumento ou a diminuição do interesse pelo tema e mais as decisões editoriais, como a criação de um fórum ou um dossiê. De modo geral, no entanto, os temas mais recorrentes aparecem em todos os recortes temporais da *Almanack*, ainda que mudando de posição na escala de citações.

Olhando para os dados consolidados dos 15 anos, para além dos temas Escravidão e Independência, estão entre os mais recorrentes: Formação do Estado, História Política, Opinião Pública, Historiografia, Cidadania e Representação Política, Burocracia, Identidade e Nacionalismo, América Ibérica, Guerras, Igreja e Direito. Talvez o dado mais relevante a observar seja que os temas que se consolidaram nos 15 anos da revista eram, *grosso modo*, os mesmos já apontados como preocupação central no projeto temático da Fapesp coordenado por István Jancsó. Ao mesmo tempo, é interessante ressaltar que a marca da *Almanack* tem sido a da diversidade temática: mesmo os temas mais recorrentes têm uma incidência pequena em relação ao universo geral das palavras-chave.

Outro lado interessante desse levantamento é refletir sobre as ausências ou a menor expressão de alguns temas. Os Estados Unidos, por exemplo, aparecem com força em algumas edições, mas é a uma discussão marginal na revista. Esse é um problema na medida em que esse país teve uma importância central na formação dos Estados e nações na América Latina, ora como modelo, ora como agente interventor. Nos dias que correm, com o agigantamento das pressões estadunidenses sobre os Estados Nacionais latino-americanos, seria a hora de redobrar as atenções sobre o significado desse país para o fenômeno nacional. O tema dos imperialismos e seus impactos nas formações das nações também merecia mais atenção, bem como trabalhos focados em outras regiões do globo, sobretudo a África e a Ásia. Por fim, mas não menos importante, a *Almanack* parece não ter acompanhado o florescer recente de algumas áreas. É o caso patente da história dos povos indígenas, que recebeu pouca atenção ao longo desses 15 anos. O apontamento dessas lacunas talvez possa servir de inspiração aos novos editores para a criação de fóruns e dossiês que façam a revista fugir dos seus temas já tornado clássicos.

Um breve histórico das editorias

Contraditoriamente, como uma revista de História, a *Almanack* não preserva a história das suas administrações na página da própria revista. Quando esse texto foi encomendado, junto a alguns apontamentos, pediu-se uma breve retomada desse histórico.

A primeira composição da editoria foi preenchida por Wilma Peres Costa (editora-chefe) e André Roberto de A. Machado (vice editor-chefe) e durou entre 2011 e 2019, quase uma década, carinhosamente apelidada de "anos heroicos", por se tratar do momento de consolidação da revista, num período com pouca estrutura, baixo financiamento e quando ainda se buscavam indexações relevantes que firmassem a publicação.

Frente à descontinuidade da *Almanack Braziliense*, foi necessário o encontro de duas iniciativas para forjar o que seria a *Almanack*: trata-se da união dos pesquisadores oriundos do projeto temático da Fapesp coordenado por István Jancsó e pelos membros do Centro de Estudos do Oitocentos, reunidos em grandes projetos de pesquisa que foram

CC BY

coordenados por José Murilo de Carvalho e Lúcia Bastos Pereira das Neves. Também da união desses dois grupos, cria-se, em 2013, a Sociedade de Estudos do Oitocentos (SEO), que teve a editora-chefe da *Almanack* como presidente por dois mandatos e a revista como edição de referência, com alguns de seus fóruns realizados nos encontros internacionais da SEO. Com a união desses dois grupos, a *Almanack* já nasceu como uma revista interinstitucional. Com sede na Unifesp, ela é, ao mesmo tempo, gerida pela Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e, mais recentemente, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

É também durante essa gestão que são dados dois passos importantes na política editorial: em 2016, a *Almanack* passa a integrar a coleção Scielo, feito alcançado por menos de 5% das revistas de História existentes no país. Além disso, em 2019, último ano dessa gestão, a *Almanack* também é incorporada ao recém-criado Portal de Periódicos da Unifesp, na condição de uma das revistas fundadoras.

Ainda em 2019, a gestão da *Almanack* muda pela primeira vez: Andréa Slemian (editora-chefe) e Claudia Chaves (vice editora-chefe) assumem a liderança da revista, posto que ocuparam até 2021. O periódico passa, então, por mudanças muito importantes. Busca-se, por exemplo, estabelecer um mandato de dois anos para a editoria, regra que passa a valer desde então. É nessa editoria que se radicaliza também a internacionalização da revista, inclusive com membros estrangeiros no conselho editorial. Por fim, essa gestão é uma das que enfrentou a pandemia de COVID-19 e que, como outras iniciativas em todo o globo, investiu muita energia na criação de *lives*, que foram instrumentos importantes naquela época.

CC BY

Entre 2021 e 2023, a editoria foi composta por Claudia Chaves (editora-chefe) e Valentina Ayrolo (vice editora-chefe), primeira ocasião em que nenhum desses postos eram ocupados por professores da Unifesp, instituição-sede da revista, além de contar com uma editora radicada no exterior. É justamente para manter firme o vínculo com a instituição-sede que se cria a função de editor-executivo, posto sempre ocupado por algum membro da Unifesp, solução que permitiu maior rodízio nos cargos da editoria-chefe. Essa gestão foi a responsável por um dos momentos mais importantes da revista, quando foram comemoradas as efemérides das independências. Vários debates foram organizados, como a criação de um fórum específico. Com a melhor organização da comunicação com o público externo — por meio da criação de textos para público geral —, a *Almanack* dá um passo definitivo para o seu maior envolvimento com a chamada História Pública, ao associar-se a uma ação conjunta com a SEO e a Associação Nacional de História (Anpuh) na criação do Blog das Independências[7].

Já entre 2023 e 2025, a internacionalização da editoria é radicalizada com os dois postos ocupados por professores radicados no exterior: Valentina Ayrolo (editora-chefe, Argentina) e Fabrício Prado (vice editor-chefe, brasileiro radicado nos Estados Unidos). Coube a essa gestão uma nova reorganização da revista com a criação de novas editorias: dossiês, comunicação, cadernos de pesquisa e resenhas. É nessa editoria que se firma também o termo de cooperação acadêmica entre Unifesp, PUC-RJ, Ufes e Ufop, ação que possibilita o financiamento dessas instituições para a *Almanack*, resolvendo um problema burocrático que existia desde a sua fundação. Nesse período, a revista é finalmente indexada na Scopus, conquista que passa a permitir que o periódico concorra em editais nacionais de financiamento. Por fim, é nessa quadra que a revista se aventura mais uma vez na criação de um blog em parceria com a Anpuh, dessa vez: Indígenas na História: sempre obrigados ao trabalho[8].

7 Para mais informações, ver: https://anpuh.org.br/index.php/blog-das-independencias.

8 Para mais informações, ver: https://anpuh.org.br/index.php/blog-indigenas-na-historia-sempre-obrigados-ao-trabalho.

CC BY

Nesse biênio, a partir de 2025, a editoria-chefe roda mais uma vez e passa para pesquisadores novos, que pela primeira vez não estavam nos conselhos editoriais anteriores. Assumem esses postos Mariana Dantas (editora-chefe) e Melina Kleinert Perussatto (vice editora-chefe). Cabe a elas dar um novo impulso à revista, talvez em temas mencionados anteriormente como ausentes ou pouco visitados.

Obviamente, a revista não existiu apenas por conta da sua editoria-chefe. É preciso mencionar o papel muito ativo do Conselho Editorial nesse processo. E não menos importante, os vários pesquisadores que ocuparam o posto de assistente editorial, função sem a qual nada disso existiria. Nesse último posto, aliás, deve-se ressaltar o papel da *Almanack* na formação de novos recursos humanos. Afinal, quase todos os assistentes editoriais seguiram carreira acadêmica e estão cursando ou concluíram o doutorado. Chegarão à condição de profissionais com uma vasta experiência na política editorial, o que é um ganho para todos nós. Ainda nesse tópico, é interessante ressaltar que hoje, pela primeira vez, um ex-assistente editorial ocupa o posto de uma editoria, no caso Thomáz Fortunato, o primeiro editor dos Cadernos de Pesquisa.

Passados 15 anos, a *Almanack* chega também a 40 números, uma marca muito importante. Mais relevante parece ser que a revista não só foi fiel aos seus propósitos iniciais, como foi se reinventando ao longo do tempo, sempre buscando organizar o debate sobre a formação dos Estados e das nações. Parabéns a todos que tornaram isso possível.

Bibliografia

JANCSÓ, István (org.). Independência: história e historiografia. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2005.

JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). Formação: Histórias. 2ª edição, São Paulo: Editora Senac, 2000.

Recebido em: 06/06/2026 - Aprovado em: 18/06/2026

Editoras responsáveis

Mariana Albuquerque Dantas
Melina Kleinert Perussatto

Disponibilidade de dados

Os dados e demais informações obtidas para o presente estudo estão no próprio texto.

CC BY